



Universidade Federal
de Campina Grande



**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MÁRCIA ROSALVA RODRIGUÊS DA SILVA

**PERCEPÇÕES E CONCEITOS DAS PROFESSORAS DO FUNDAMENTAL I
SOBRE A SEXUALIDADE.**

CAJAZEIRAS/PB

2016

MÁRCIA ROSALVA RODRIGUÊS DA SILVA

PERCEPÇÕES E CONCEITOS DAS PROFESSORAS DO FUNDAMENTAL I
SOBRE A SEXUALIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado à banca examinadora do Curso
de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de
Educação do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande, Campus de Cajazeiras –
PB, como requisito parcial para a obtenção
do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha.

CAJAZEIRAS – PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

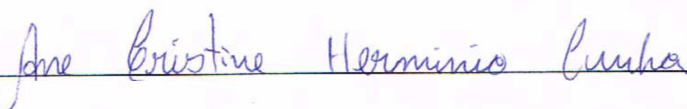
- S586p Silva, Marcia Rosalva Rodriguês da
Percepções e conceitos das professoras do fundamental I sobre a sexualidade / Marcia Rosalva Rodriguês da Silva. - Cajazeiras, 2016.
48f.
Bibliografia.
- Orientadora: Profa. Ma. Ane Cristine Hermínio Cunha.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.
1. Educação sexual. 2. Sexualidade - Ensino Fundamental I. 3. Formação de professores. I. Cunha, Ane Cristine Hermínio. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

MÁRCIA ROSALVA RODRIGUÊS DA SILVA

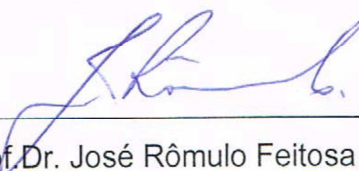
PERCEPÇÕES E CONCEITOS DAS PROFESSORAS DO FUNDAMENTAL I
SOBRE A SEXUALIDADE.

DATA DA DEFESA: 18 / maio /2016

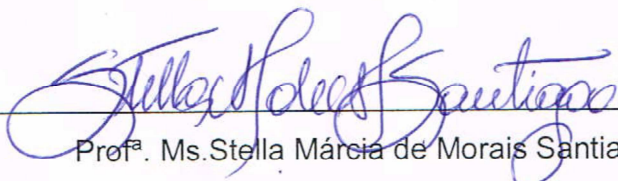
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª.Ms. Ane Cristine Hermínio Cunha
Orientadora – CFP/UFCEG



Prof. Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira
Examinador - CFP/UFCEG



Prof^ª. Ms. Stella Márcia de Moraes Santiago
Examinadora - CFP/UFCEG

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida. Ao meu pai Rosalvo da Silva, à minha mãe Maria de Lourdes, meu irmão Ricardo Rodriguês e a todos meus familiares. Aos professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar a Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, dando-me forças para enfrentar os obstáculos, possibilitando um futuro melhor.

À minha mãe Maria de Lourdes, ao meu pai Rosalvo da Silva, e meu irmão Ricardo Rodriguês, pelo incentivo e pelo apoio constante para o meu sucesso.

Agradeço à Ane Cristine Hermínio Cunha minha professora orientadora pela paciência, e por me auxiliar na conclusão deste trabalho. Agradeço também a todos os meus professores e professoras que durante muito tempo, ensinaram-me e mostraram-me o quanto estudar é essencial, para que no futuro tenhamos um progresso profissional.

A todas as minhas amigas do curso, com as quais compartilhamos e vivenciamos momentos no dia a dia e, juntas enfrentamos as dificuldades e as vitórias com determinação para chegarmos até o fim do curso com uma formação que contribuíra para uma educação escolar de qualidade.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos a mim, neste momento primordial para minha vida profissional. Muito obrigada!

Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual. (Figueiró, 2006, p.2).

RESUMO

Este trabalho é fruto de algumas reflexões acerca da abordagem do tema da sexualidade, levando em consideração seus desdobramentos para a Educação Fundamental I. Consistiu analisar a atividade pedagógica frente ao tema sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental 1º ciclo. Deste modo, buscamos mapear as dificuldades encontradas pelos educadores para desenvolver diálogo e esclarecer as dúvidas das crianças sobre sexualidade, discutir a formação continuada para educadores no enfrentamento em trabalhar sobre a sexualidade na escola e também identificar qual a concepção dos docentes sobre a sexualidade. O presente estudo tem como metodologia uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa realizada em duas escolas uma da rede municipal e outra da rede estadual de educação do município de Cajazeiras - PB. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário constituído por 7 questões abertas envolvendo o tema sexualidade. O questionário foi distribuído e aplicado com 8 professores que ministram aulas para os anos iniciais do ensino fundamental. A partir dos dados obtidos, foi possível fazer a interpretação com a construção de quadros e análise descritiva. De maneira geral, podemos concluir ainda, a falta de aprofundamento teórico perante os professores em trabalhar essa temática para uma educação coerente para se formar cidadãos que possam refletir e tomar suas decisões respeitando a si próprio e ao outro perante a sua sexualidade. Os dados demonstram que, os professores não estão capacitados para discutirem dentro da sala de aula em relação a sexualidade. Dessa forma, investir em formações continuadas que garantam ou possibilitem a preparação dos docentes para saberem lidar com as descobertas e dificuldades de seus alunos. Assim os professores se tornam mais preparados para se posicionar dentro da sala de aula, enfrentando de forma consciente as transformações que cada criança passa.

Palavras-Chave: Sexualidade. Educação. Formação de Professores.

ABSTRACT

This work is the result of some reflections on the theme of sexuality approach, taking into account its impact on the elementary education I. Consisted analyze the pedagogical activity against the theme sexuality in the early years of elementary school 1st cycle. Thus, we seek to map out the difficulties encountered by educators to develop dialogue and answer questions from children about sexuality, discuss the continuing education for educators in confronting working on sexuality in school and identify the design of teaching on sexuality. This study's methodology field research with approach qualitative carried out in two schools with a communal network and one of the state of education in the city of Cajazeiras - PB. The instrument used for data collection was a questionnaire consisting of seven open questions involving the theme sexuality. The questionnaire was distributed and applied to eight teachers who teach classes for the initial years of elementary school. From the data obtained, it was possible to interpret the construction of tables and descriptive analysis. In general, we can still conclude, the lack of theoretical study before the teachers working with this topic for a coherent education to form citizens who can think and make decisions respecting yourself and others before his sexuality. The data show that teachers are not able to discuss in the classroom in relation to sexuality. Of that way, investing in continuing education to ensure or allow the preparation of teachers to know how to deal with the findings and difficulties of his students. So teachers become better prepared to position themselves within the classroom, facing consciously transformations that each child spends.

Keywords: Sexuality. Education. Teacher training.

TABELA E QUADROS:

TABELA 1: Perfil das docentes dos anos iniciais do ensino fundamental da cidade de Cajazeiras – PB.....	28
QUADRO I- Conceito de Sexualidade.....	29
QUADRO II- O tema sexualidade e a formação continuada.....	32
QUADRO III- Dificuldades encontradas pelos educadores para desenvolver diálogo e esclarecer as dúvidas das crianças sobre sexualidade.....	33
QUADRO IV- Como deveria ser trabalhado á temática sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental e como esse trabalho é desenvolvido.....	35
QUADRO V- Temas de sexualidade que são trabalhados com as crianças.....	36
QUADRO VI- Situação ou questionamento de seus alunos com relação à sexualidade.....	38
QUADRO VII- As manifestações de sexualidade das crianças, mais freqüentes e que são percebidas pelos educadores da escola.....	39

LISTA DE SIGLAS:

AEE	Atendimento Educacional Especializado
DST	Doença Sexualmente Transmissível
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
UAE	Unidade Acadêmica de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - QUESTÕES SOBRE A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL I	14
1.1 A Educação Sexual na escola	17
1.2 Sexualidade na escola	21
1.3 O professor frente às dificuldades postas pelo tema da Sexualidade	23
CAPÍTULO II - PERCURSO METODOLÓGICO	26
CAPÍTULO III –ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES: Apêndice A - Questionário aplicado aos professores investigados	47
Apêndice B - Termo de Consentimento livre e Esclarecido.....	48

INTRODUÇÃO

No presente estudo vem discutir as concepções e conceito das professoras do fundamental I sobre a sexualidade na tentativa de se caminhar para uma educação coerente reflexiva e crítica buscando aprofundamento teórico sobre sexualidade no âmbito escolar. O trabalho de orientação sexual na escola é relevante no sentido de informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não uma isenção total, o que é impossível de se conseguir, mas uma condição de maior distanciamento pessoal, por parte dos profissionais, para empreender essa tarefa. É função essencial de a Escola formar cidadãos e suas identidades individuais, e sendo assim, a transformação vem de dentro, com o amadurecimento da sexualidade de cada um.

Em meio a essa discussão da relevância científica e social desse estudo, percebemos que abordar sobre esse assunto é importante para a educação, já que presenciamos varias situações dentro da escola de dúvidas sobre o que é sexualidade nos dias de hoje. Sabendo disso, a escolha do tema veio a partir de experiências vivenciadas desde a educação básica, no que diz respeito às relações que foram estabelecidas dentro da sala de aula. Porém, tal escolha se estabeleceu de forma mais efetiva e segura a partir do estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental I, onde se constatou que eram bastante limitados os trabalhos desenvolvidos pelos professores, além da falta de interesse de se envolverem com as discussões acerca da sexualidade.

Diante do estudo surge a inquietação de analisar a atividade pedagógica frente ao tema sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental 1º ciclo. Deste modo, buscamos mapear as dificuldades encontradas pelos educadores para desenvolver diálogo e esclarecer as dúvidas das crianças sobre sexualidade, discutir a formação continuada para educadores no enfrentamento em trabalhar sobre a sexualidade na escola e também identificar qual a concepção dos docentes sobre a sexualidade, abordada nas escolas e sobre o combate ao preconceito e tabus. Visto que, pela falta de preparo dos professores ou por preconceitos neles cultivados, não sabem se posicionar frente a questões e situações no espaço escolar, e acabam se desviando dessas situações.

No entanto, é importante que diálogos sobre a sexualidade da criança, sejam promissores para uma gradativa desconstrução de padrões tradicionais e preconceituosos relativos a esta temática. Seria ilusão, num ambiente escolar, tentar superar as barreiras conservadoras acerca da sexualidade e propor espaços formativos para os educadores.

Nessa perspectiva, esta pesquisa teve como ênfase a abordagem qualitativa, a coleta de dados se deu por meio de um questionário, na qual foi realizado posteriormente uma análise descritiva dos resultados. A iniciativa em desenvolver este projeto é fundamental, utilizando para isso autores intimamente ligados a esta temática, que abrange uma fundamentação teórica coerente, a qual propõe à escola trabalhar em seu currículo, apesar de ainda ser um desafio para o desenvolvimento da construção de conhecimentos e reflexões que possibilitem o reconhecimento da importância sobre a sexualidade.

Portanto, no primeiro capítulo deste trabalho buscamos levantar questões sobre a sexualidade na educação fundamental I e, algumas considerações sobre a educação sexual na escola, sexualidade na escola e o professor frente às dificuldades postas sobre o tema da sexualidade.

No segundo capítulo, abordamos a metodologia do trabalho, e no terceiro capítulo, apresentamos a descrição dos dados e um diálogo em torno dos resultados obtidos referente aos estudos teóricos sobre a sexualidade na formação do ser humano.

CAPÍTULO I: QUESTÕES SOBRE A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL I

“Sexo foi, é e sempre será uma questão Social, sem deixar de ser também uma questão individual”

(M. Amélia Azevedo Goldberg.)

Com base na citação acima, vejamos que a sexualidade não é um fator procedente da atualidade, o que parte do recente, são as discussões nessa questão pautada, devido às construções preconceituosas, tabus e atrasadas formas de se pensar que foram criadas em torno da educação da criança.

Sabemos que a sexualidade é uma questão que compete a todos os seres humanos, é inerente a nós. Nesse sentido, a criança precisa entender seu próprio corpo. Como afirma Siqueira (2003),

A necessidade de conhecer o próprio corpo e as diferenças entre os sexos levam muitas crianças a se manipularem ou se entregarem a investigações mútuas, geralmente às escondidas dos adultos. Isto não significa que estejam cultivando perversidades, mas, sobretudo que estão conhecendo, ou até mesmo estão admiradas, impressionadas e, por vezes, inquietas e apreensivas. (p. 6)

Assim, a criança já precisa conhecer, desde cedo, algo dela que se desenvolve de acordo com o tempo. Questões muito simples como entender a diferença do sexo feminino e masculino é importante para a formação da criança cidadã, que fica ciente de suas características e protetora dos cuidados a tomar. Segundo Figueiró (1996),

[...] É preciso entender como os padrões e normas sexuais foram mudando ao longo da história de nossos países, buscando a relação com todos os acontecimentos sociais, econômicos e políticos de cada época; é fundamental ainda, buscar compreender, concomitante, a história da sexualidade ao longo dos séculos, desde a antiguidade, em todo o mundo ocidental e contextualizar, a partir daí, os nossos padrões morais sexuais, enfim, culturais. (p. 111):

De acordo com autor supracitado, os educadores do Ensino Fundamental I, precisam estar cientes a essas questões, visto que, para lidar com a educação sexual em sala de aula com crianças é preciso conhecer muito sobre a temática, incluindo aí, os padrões estabelecidos e as ideias criadas ao longo do tempo, para que as consistências de informações favoreçam à prática docente. O que a história nos diz sobre a questão da sexualidade, é muito importante para subsidiar - nos nas questões práticas das aulas. Sem a formação embasada é difícil para o professor mediar as manifestações naturais da sexualidade em sala de aula.

Por isso, entende-se que é a partir da vivência na escola que esse tipo de educação também pode ser dada, visto que, é onde está concentrado a carga metodológica para lidar com a questão de maneira mais formal e menos intimista. É possível assim, observar que, na sala de aula é comum o educador se deparar com crianças que se manipulam na própria sala de aula, ou que caminham dentro da sala segurando os órgãos genitais.

Com isso, o professor, ao ver cenas desse tipo, muitas vezes, passa por um embaraço de compreensão e insegurança, já que, para a maioria, é difícil lidar com isso, não sabendo como agir naquele momento. O que fazer e de que forma fazer para não frustrar o aluno. Siqueira (2003) aponta que,

Nestas situações, o importante é o professor passar a observar diretamente a criança, a fim de perceber se ela se manipula com muita frequência, se existe algum momento na aula que lhe causa maior ansiedade, ou se a criança apresenta um comportamento compulsivo, que escapa a qualquer possibilidade de controle de sua parte. Se a criança se masturba compulsivamente é sinal de que tem um problema sério e que precisa de ajuda. Nestes casos a escola, através do psicólogo, orientador educacional, ou mesmo do professor, deve comunicar aos pais o que está ocorrendo com a criança. (p.6)

A manipulação dos órgãos sexuais de forma compulsiva em crianças é sinal que está necessita de ajuda externa, como o auxílio de um psicólogo, para ajudá-la a resolver as confusões que se encontra e que geralmente a família mesmo que seja preparada e bem estruturada não pode resolver sozinha, “[...] essa dinâmica não se encerra em casa, no convívio da família. Como já vimos, todas essas questões são levadas pelos alunos para dentro da escola.” (RIBEIRO 2011, p. 05).

É nesse sentido que a educação sexual torna-se ainda imprescindível, visto que, é na escola onde se encontra o melhor lugar para os professores trazerem todas as informações sobre a sexualidade para as crianças.

De acordo com Ribeiro (2011, p. 07), esse trabalho deve ser integrado às atividades diárias como: “situações como histórias na abordagem dos conteúdos no cotidiano da sala de aula, nos jogos e brincadeiras ou nas diversas situações que se apresentam e podem ser aproveitadas”.

Verifica-se assim, que diante das mais adversas situações que o professor possa se deparar com um aluno, ou mesmo, apenas pela boa formação que se deve dar a educação sexual no ensino fundamental I, é importante incluir esse tema no currículo escolar. Desse modo, Ribeiro (2011) diz que,

O objetivo do trabalho de Educação Sexual com Crianças é contribuir para que possam exercer, mais tarde, sua sexualidade com prazer e responsabilidade. E esse trabalho vincula-se ao exercício da cidadania que, de um lado, propõe-se a trabalhar o respeito de si vinculado ao respeito do outro, e, por outro lado, busca garantir a todos o conhecimento que será fundamental para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades. (p. 08)

Dessa forma, a discussão sobre a temática da sexualidade possibilitará a reflexão de informações promovendo junto com o aluno a consciência de respeitar a si próprio e ao outro com suas diversidades de valores e comportamentos a respeito da sexualidade humana.

Na escola é comum aparecer, nessa época, as brincadeiras de puxar as calças dos meninos ou levantar as saias das meninas, ou mesmo, de um mais ousado se exibir perante a classe. O professor deve aproveitar essas ocasiões para mostrar-lhes que tal brincadeira é uma curiosidade a respeito de como é o corpo do outro, retomando os conhecimentos que as crianças já devem ter sobre as diferenças entre os sexos, colocando, com clareza, os limites adequados a cada situação. (FRADE 1999, p. 12).

Sobre essa situação, é que entra a intervenção do professor como fator imprescindível, que não deve ser acomodada, amena, mas firme e pontual. Essa intervenção ajudará a colocar um ponto final na brincadeira, colocando para as crianças os limites que elas não estão conseguindo impor.

Frade (1999) salienta que se a situação ocorre em sala de aula, é oportuno discutir com as crianças o respeito pelo outro, relembrando as regras de convivência da classe para assegurar um clima de tranquilidade no trabalho. Embora seja fácil na teoria, na prática de ensino nem sempre é.

Sabendo das limitações que o professor pode ter em consequência da sua falta de instrução para lidar com essa questão, bem como, muitas vezes, o medo de estar fazendo algo errado ao ensinar sobre sexualidade. A escola não lhe fornece informações sobre a educação sexual, então, surge à insegurança do professor, muitas vezes, pensando este que não tem um resguardo maior baseado na lei para legalizar sua atuação frente ao ensino de educação sexual. Nesse sentido, existem na legislação brasileira parâmetros que consideram o trabalho de sexualidade e prevenção: BRASIL (2005):

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN. Lei 9.394/1996;
- Parâmetros Curriculares Nacionais (1996);
- Portaria Interministerial Ministério da Saúde e Ministério da Educação – nº 796 (29 de maio de 1992),

Diante disso, com as bases e diretrizes formuladas, não há impossibilidades legais que tire do professor o direito de abordar a temática da sexualidade em sala de aula. É comum ouvirmos pessoas falarem que está temática não deveria ser abordada no espaço educativo, mas não é possível silenciar um aspecto natural do desenvolvimento. Assim sendo, Figueiró (1996) afirma que,

A preocupação e o interesse em proporcionar às pessoas, em especial, às crianças e aos jovens, uma educação sexual que os torne capazes de viver a sexualidade com a “liberdade” e em plenitude, não é exclusiva de educadores e pensadores de nosso século, embora seja nesse período, que essa preocupação e interesse emergiram com mais vigor e determinação. (p. 121)

Conforme o autor, podemos pensar o ensino de educação sexual como uma ferramenta de conhecimento necessário na vida do educando e principalmente, as crianças de ensino fundamental que reportam em si, maiores necessidades de esclarecimentos para que não venham a usar sua sexualidade como instrumento de preconceito ou de perda de si mesmo.

1.1 A Educação Sexual Na Escola

Conforme considerações feitas anteriormente, compreende-se que a Educação Sexual é um tema de relevância para a formação da criança, sobretudo, no que diz respeito ao seu desenvolvimento inserido num processo de educação a que é posto na sociedade.

Muitos autores, como Ribeiro (2011) tem trabalhado essa temática a fim de tornar mais acessível a sua discussão e mais presente nas escolas, para quebrar tabus e desfazer mitos criados ao longo da história. O autor em seu livro, *Sexo não é bicho papão* (2011), apresenta justamente essa questão dos tabus e mitos criados sobre o tema do sexo, colocando a sexualidade como mediação educativa capaz de oferecer um verdadeiro entendimento ao indivíduo, sobretudo, quando criança que começa a perceber os primeiros sinais da sexualidade como uma coisa normal que faz parte do nosso corpo, das nossas diferenças de gêneros, da nossa evolução.

Ribeiro (2011) mostra que o sexo apesar de ser um tema controverso não é um bicho papão, como bem sugere o título do seu livro, principalmente, se for trabalhado desde os primeiros passos da criança na escola, priorizando uma prática pedagógica despretensiosa e aberta, não deixando de se portar com moderações necessárias e uma imprescindível preparação às dificuldades do ensino.

É por isso que a Educação Sexual deve começar cedo, assim que a criança já estiver na escola, esse preparo deve ser oferecido de forma educativa. Conforme, Ribeiro (2011),

[...] a educação sexual deve começar quando a criança entra na escola, se desenvolvendo durante todo o período escolar. Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental (até ao 5º ano), a escola não deve estruturar horários específicos, como comumente ocorrem com as disciplinas curriculares. O trabalho junto a crianças deve acontecer no dia-a-dia, quando esta apresenta alguma curiosidade ou tem alguma atitude que o professor considere adequado intervir. (p. 07):

Dessa forma, viu-se que a escola é o campo de maior concentração de saberes, sendo importante manter e desenvolver sua pedagogia, no sentido de abarcar todas as exigências de cada fase de desenvolvimento da criança, porque este processo está diretamente ligado a educação que ela recebe, tanto na escola como em casa.

O Ministério da Educação deixa claro que os PCN's têm a finalidade de subsidiar e orientar na elaboração da proposta curricular, de modo a apresentar eixos e diretrizes de base curricular. De acordo com Brasil (1998) no ensino fundamental, isso acontece através de uma:

[...] reorientação curricular que a secretaria de educação fundamental do ministério da educação e do desporto oferece a secretarias de educação, escolas, instituições de pesquisa, editoras e todas as pessoas interessadas em educação, dos diferentes estados e municípios brasileiros. (p.09)

Entende-se que os PCN's são orientações de base para o ensino, um norte para guiar o ensinar e o aprender, tendo suas especificidades para cada disciplina e podendo ser aplicado conforme a ampliação da grade curricular, oferecendo conceitos sobre ética, meio ambiente e temas transversais.

Na época de 1995 em que os PCN's foram criados, o ministro da educação Paulo Renato Souza registrou uma mensagem de abertura, direcionado ao docente. Tal registro a clara o desígnio dos PCN's para o docente, isto é, ser uma mira de base e reflexão da prática educativa, como se pode conferir a seguir, conforme Brasil (1998):

Esperamos que os Parâmetros sirvam de apoio às discussões e ao desenvolvimento do projeto educativo de sua escola, à reflexão sobre a prática pedagógica, ao planejamento de suas aulas, à análise e seleção de materiais didáticos e de recursos tecnológicos e, em especial, que possam contribuir para a sua formação e atualização profissional.

Entre os muitos temas transversais, os PCN's apresentam a questão da orientação sexual, que é importante para orientar os professores nessa difícil tarefa de dialogar com os alunos esse tema tão natural, mas ao mesmo tempo, tão tachando de tabus e crenças sem fundamento para a Educação.

A notificação proposta pelo documento PCN's em orientação sexual é que este trabalho pedagógico seja tratado pela escola como algo essencial na vida, porque é uma questão extensa e controversa, determinada pela história, cultura e evolução social. Destaca ainda que tal questão necessita compor o currículo das escolas. (BRASIL, 1998).

A proposta de trabalhar questões sobre a sexualidade é importante para a compreensão da temática nos significativos contextos na realidade escolar em níveis crescentes de complexidade e articulados à escolha e tratamento dos variados assuntos sobre a sexualidade essencial podendo ampliar a participação do aluno em seu meio social e desenvolvendo uma atitude crítica que dirige tanto às relações pessoais como a outros aspectos da sexualidade de sua vida cultural e afetiva.

Sabe-se que já nos anos 70 vinha se debatendo a questão da sexualidade nos currículos das escolas, por ser analisado como tema complacente às necessidades de aprendizagem do aluno, bem como na formação do indivíduo, no entanto, o documento assinala que nem sempre o tema foi tratado pelas escolas, públicas ou privadas.

O processo de pesquisas no campo da sexualidade se desenvolveu a partir dos anos 80 pelo fato de ter havido um aumento de jovens gestantes e o acréscimo do número dos dados de DST (Doenças sexualmente transmissíveis) nos jovens. No presente contexto, a escola e a família mostraram-se “desorientadas” no sentido da abordagem deste assunto. Assim, o instituto Data folha, em 1993, fez uma pesquisa em 10 capitais brasileiras e averiguou que 86% dos entrevistados eram adeptos à inserção do assunto nos currículos escolares, entretanto a escola acreditava que os pais resistiam ao falar desse tema. (BRASIL, 2001).

Os PCN's apontam que os educandos trazem elementos emocionais, noções de mundo sobre sexualidade, apanhadas no lar, em suas experiências com outros colegas, vivências. Deste modo, o apontamento mencionado pelo PCN's menciona que o trabalho efetivado em Orientação Sexual necessita atender esses aspectos e permitir discussões, reflexões e debates defendendo que os alunos levantem seus conceitos e façam com que as escolas tomem decisões. Afinal, a escola permite a discussão das distintas questões. (BRASIL, 1998)

O documento mostra como metodologias possíveis de serem aplicadas pela escola podem representar a transformação, a comunicação, as informações e problematização das questões alistadas sobre a sexualidade, começando pelos conhecimentos de mundo que cada educando traz para a sala de aula.

A instituição escolar é uma porta que se abre para a construção de atividades educativas, é o caminho para a formação, contudo, tais atividades na maioria das vezes são apresentadas com enfoque biológico, destacando os aspectos da reprodução humana, deixando de lado as questões psicológicas, sociais, éticas e valores morais, é o que aponta os PCN's, Brasil (2001)

Muitas escolas, atentas para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluem aparelho reprodutivo no currículo de ciências naturais. Geralmente o fazem por meio discussão sobre reprodução humana, com informações noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo. (p.113):

O PCN's deixam evidenciar com clareza que crianças almejam conhecer além dos aspectos biológicos, anseiam conhecer porque são seres humanos e sentem vontades, como podem satisfazer seus prazeres, por isso, os professores precisam sempre estar dispostos a responder e preparados para orientá-las, conforme a necessidade, respondendo, não denegando a sexualidade, contudo abordando como tema sério e importante. (BRASIL, 2001).

1.2 Sexualidade na Escola

Tratar na escola as mudanças ocorridas com o advento das fases que vêm passando a nossa vida e, nesse sentido, o aluno sobrevém a ser também um indivíduo em transformação, é indispensável para que possa reconhecer e conhecer o que se passa em relação aos aspectos biológicos, levando em consideração que as transformações ocorridas com o desenvolvimento do corpo vêm desde o nascimento. Nesse sentido, Aquino (1997, p.112), ressalta:

A educação sexual ocorre, na verdade, desde o nascimento. É predominantemente no território familiar, da intimidade, que são transmitidas à criança as primeiras noções e valores associados à sexualidade, em geral não explicitamente. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de recomendações, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem tudo isso transmite os valores que a criança incorpora.

Sigmund Freud (2006) foi um médico e criador da psicanálise importantíssimo que favoreceu grandes contribuições para as análises e estudos sobre a sexualidade humana. Ele desenvolveu e considerou, etapa por etapa, classificando-as sobre o desenvolvimento sexual, a saber:

Fase oral - crianças de 2 anos, o prazer concentra-se na boca, portanto a criança leva todos os objetos a boca; Fase anal – constituída por crianças com idade entre 03 e 04 anos. A principal característica desta fase é que as crianças sentem prazer na eliminação das fezes e da urina; Fase fálica ou genital – é formada por crianças com idades entre 03 a 05 anos e já sentem prazer em tocar os próprios órgãos genitais; Puberdade – esta fase é caracterizada por crianças entre 12 a 18 anos, constata-se o amadurecimento do corpo e o a presença marcante do desejo sexual.

Assim sendo, entende-se que a educação sexual deve ser efetuada ao longo da formação da criança, não apenas de forma individual, mas global, assim, a escola desempenha importante papel, porque precisa estar preparada teoricamente para levar em conta esse princípio, procurando possibilidades para trabalhar o assunto em seu dia a dia.

De acordo com Werebe (1998, p. 78) “os educadores devem ser o próprio sujeito do processo, buscando caminhos por meio da utilização e análise da literatura especializada.”

De acordo com o autor supracitado, a educação sexual deve proporcionar ao aluno o conhecimento do seu próprio corpo e suas transformações em cada fase de desenvolvimento. Neste sentido, o professor precisa estar apto a destacar questões imprescindíveis à compreensão do aluno, procurando destacar as ações importantes para a sustentação de uma boa saúde física, deixando o educando ser capaz de fazer escolhas que promovam seu bem-estar, mantendo sua saúde.

É ressaltante que o processo educativo gere a reflexão sobre a diversidade sexual, abrangendo a vida em sociedade sob o prisma de gênero em ser homem ou mulher, permitindo que o aluno elabore o seu próprio ponto de vista em relação a isso.

Deste modo, ainda de acordo com o autor, o projeto de uma educação sexual partindo dessas considerações, não pode nem deve ser inventariado de uma hora pra outra, mas precisa seguir a rota de desenvolvimento e aptidão de compreensão do aluno. Isso implica num processo de acompanhamento pelo qual não pode ser limitado apenas a uma única ação pedagógica.

Assim sendo, “Deve se ter em mente que a educação sexual não é uma panaceia que poderá resolver, com um golpe mágico, todos os problemas relativos à vida afetiva e sexual das crianças e jovens.” (WEREBE, 1998, p.203).

No entanto, as escolas ainda encontram-se limitadas com relação à prática pedagógica voltada para Educação Sexual, pois, a grande maioria delas atribui este fator como sendo responsabilidade apenas da família. Sobre essas considerações, Ribeiro (2011) afirma que,

A dificuldade que a escola traz se fundamenta na idéia de que esse tema deve ser tratado exclusivamente pela família. De fato, mesmo sem querer, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e adolescentes. Mesmo aquelas que não falam abertamente sobre esse assunto, estão passando valores, e, mesmo no “discurso silencioso”, estão mostrando como a sexualidade é vista/vivida dentro de casa. (p. 12),

Todavia, de acordo com o autor, essa dinâmica não termina em casa, no diálogo da família. Embora, que todos esses pontos são levados pelas crianças para dentro da escola e repassados para outros colegas no convívio diário. Acontece, nesse sentido, uma troca de saberes, valores e ações constantemente empregadas à escola como núcleo maior que comportarão aos diversos âmbitos da vida do aluno.

Nesse sentido, a escola tem mais do que um papel educativo, tem também, um papel social de extrema relevância do qual pode desempenhar uma função mais integradora, assim, a sexualidade, como tema universal, não pode ficar de fora dessa discussão. Dessa forma, conforme Ribeiro (2011),

[...]a escola, enquanto espaço social que reúne diariamente um determinado número de crianças e adolescentes, com interação social e afetiva já estabelecida, facilita o desenvolvimento de um trabalho e sua continuidade. Além disso, desempenha um papel importante na educação para a sexualidade ligada ao prazer, ao bem-estar, à saúde, ao binômio ensino-aprendizagem, à cidadania, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto. (p.15)

Como visto, a escola integra as diversas dimensões do aprender, principalmente, as dimensões de ordem humana. Dar, uma maior ampliação às questões da sexualidade no ambiente escolar, compreendendo que ela recebe e lida diariamente com seres humanos em constantes transformações.

1.3 O professor frente às dificuldades postas sobre o tema da Sexualidade

Embora a sociedade tenha se desenvolvido, estejamos vivenciando hoje uma nova forma de pensar e discutir a realidade através dos novos paradigmas, muitas questões ainda são limitadas a fatores nitrílicos da pessoa humana. É o caso, dos professores que sentem dificuldades, não intelectuais, mas pessoal, de trabalhar com a Educação Sexual. É o que afirma Werebe (1998, p.196):

Sabe-se que muitos educadores encontram dificuldades em desenvolver trabalhos pedagógicos, cujo tema seja educação sexual, pois muitas vezes dominam os seus conhecimentos mas sentem mal ou não se sentem seguros para falar e trazendo inseguranças também aos alunos.

Quando os professores demonstram essa postura de insegurança em relação à abordagem do tema da sexualidade, mesmo quando têm domínio do conhecimento específico, parecem sentir-se mal em falar sobre um tema que, para eles é delicado. Perante as muitas dificuldades percebidas, o docente necessita procurar auxílio na equipe gestora da escola, procurando analisar, estudar e investigar sua prática pedagógica para que consiga superar as inseguranças sentidas.

Todavia, a não abordagem da educação sexual nas escolas se deve também a pouca ou nenhuma importância que tanto o núcleo gestor, como os professores, dão a este assunto. Como já visto, geralmente pelo constrangimento que tem em tratar de forma simples um assunto, apesar de ser natural, possui várias implicações das quais impedem de ser falado com a mesma naturalidade que comporta o seu significado.

Na sociedade em que vivemos, sabemos que, atualmente, estão ocorrendo várias mudanças em relação às questões de âmbito sexual, transformações no

padrão familiar, por exemplo. Tais transformações necessitam serem postas na abordagem escolar, sob o ponto de vista da ética, diversidade e respeito às diferenças.

Verifica-se assim, que esta é uma questão de ordem metodológica da qual somente através de uma formação continuada e ampliação sobre outras áreas do conhecimento, é que se pode tornar a educação sexual um tema mais acessível a toda comunidade docente.

Assim sendo, “Todos os professores, qualquer que seja a disciplina que ensinam que desejam se ocupar de educação sexual e possuem os requisitos principais para desempenhar este trabalho, só precisam receber uma formação especial” (WEREBE, 1998, p.196).

Por isso, é importante uma formação bem embasada, no sentido de que, proporcione ao professor tanto o conhecimento específico da área, como a preparação psicológica, social e educacional. A viabilidade desses fatores ao bem-estar dos professores é essencial para tornar a educação sexual um tema mais expansivo à escola.

Assim sendo, percebe-se que há uma necessidade extrema de repensar os cursos de formação de professores, sobretudo, a organização e preparação da bagagem do futuro docente, a fim de que este esteja preparado para enfrentar novas condições de trabalho, ou muitas vezes, ignorados, como o ensino de Sexualidade, a partir do instante que ele se torna um professor dentro do contexto da realidade escolar.

Em outro aspecto, os autores mencionados concordam que é importante também a presença das reflexões que dialoguem com familiares e agentes da sociedade que operam como educadores sexuais, uma vez que a representação dessa educação acontece na escola, não podendo ser distanciada dela, nem desassociada da sua validade institucional e competência para lidar com a questão de maneira adequada.

CAPÍTULO II – PERCURSO METODOLÓGICO

A dificuldade em trabalhar a sexualidade na escola é a visão que os professores têm sobre o assunto, como também as incertezas na forma de desenvolvê-lo com os sujeitos.

Sabendo das inúmeras possibilidades em abordar a sexualidade na escola, o professor preparado e auxiliado com o trabalho coletivo alcançado na instituição, com projetos e pesquisas, devem propiciar reflexão e parceria entre família e escola, para desenvolver um trabalho considerado não tão fácil, mas, de grande relevância, quando é preciso esclarecer dúvidas e riscos, quando os temas sobre sexualidade não são devidamente instruídos e nem reconhecidos como inerentes ao ser humano.

É uma pesquisa de caráter exploratória, que se caracteriza pelo esclarecimento de ideias numa abordagem qualitativa, com o intuito de refletir sobre como são trabalhadas as questões de sexualidade em duas escolas públicas do município de Cajazeiras /PB. Sendo assim, a perspectiva qualitativa traz junto valores, representações e opiniões que melhor nos aprofunda sobre amplitude do tema. O questionário permite ao sujeito responder perguntas que nos facilitam o entendimento sobre as questões abordadas nessa discussão, fazendo as representações acerca da sexualidade, identificando suas dificuldades.

Com intuito de conhecer o todo, tendo a preocupação com uma visão sistêmica do problema ou objeto de estudo (OLIVEIRA, 2008), no caso, se realmente tem ocorrido a preocupação em estudar o tema sexualidade na escola, e como tem sido dada a importância desse trabalho, a abordagem qualitativa nos subsidiará como relevante no desenvolvimento desta, haja vista, possibilitar uma análise mais ampla do objeto de estudo, e retratar a realidade através do uso de métodos e técnicas que favorecem uma compreensão delineada deste objeto.

A pesquisa foi realizada na cidade de Cajazeiras/PB, em duas escolas, uma da rede municipal e outra da rede estadual de ensino, em turmas do 1º e 5º dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, nos turnos manhã e tarde. O instrumento de coleta foi um questionário com sete questões abertas, abordando sobre a sexualidade e, realizadas com oito professoras do Ensino Fundamental I, 04(quatro) rede municipal e 04(quatro) da rede estadual, com faixa etária entre vinte e três a cinquenta e quatro anos.

A referida escola estadual funciona o ensino fundamental I e a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), nos turnos manhã, tarde e noite, sendo que pela manhã há 95 alunos, pela tarde 85 e a noite tem apenas 20 alunos, ao todo a instituição recebe duzentos (200) educandos, que possuem situação Sócio – econômica regular e de baixa renda.

Conta com onze 11(onze) professores, sendo que um 01 é especialmente para a sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado). Em relação ao nível de escolaridade dos Docentes, 07 (sete) com graduação em Letras e História, 03 (três) em pedagogia e um 01com o pedagógico.

A escola municipal de educação infantil e ensino fundamental funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite, contando com 26 professores divididos entre os turnos. As turmas da educação fundamental I são constituídas por 5 professoras. Em relação à escolaridade das professoras da amostra da pesquisa uma tem nível superior habilitadas em Pedagogia, sendo que quatro das professoras tem pós-graduação.

Capítulo III- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nossa população era de 10 (dez) professoras, 2 (duas) não aceitaram participar da pesquisa, portanto ficamos com 8 (oito) professoras todas do ensino fundamental 4 (quatro) da rede municipal e as outras 4 (quatro) da rede estadual de ensino os dados coletados permitem refletir sobre a realidade vivenciada pelas entrevistadas, referente à temática sexualidade.

Tabela 1: Perfil das docentes dos anos iniciais do ensino fundamental da cidade de Cajazeiras – PB

ESCOLA DE ENSINO ESTADUAL					
PROFESSORAS	IDADE	ANO QUE LECIONA	FORMAÇÃO	TEMPO EM SALA DE AULA	RELIGIÃO
PE1	23	2º ano	Nível superior incompleto em Pedagogia	6 anos	Católica
PE2	25	3º ano	Normal em nível médio	3 anos	Católica
PE3	54	4º ano	Superior em Pedagogia	25 anos	Católica
PE4	36	5º ano	Superior em Pedagogia	19 anos	Católica
ESCOLA DE ENSINO MUNICIPAL					
PM1	45	5º ano	Pós Graduada	19 anos	Católica
PM2	35	3º ano	Pós Graduada	17 anos	Católica
PM3	39	2º ano	Pós Graduada	15 anos	Católica
PM4	35	1º ano	Superior em Pedagogia	14 anos	Católica

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

É possível observar na tabela 1 que as entrevistadas varia de 23 a 54 anos, encontrando-se uma média de 36,5 anos. Quanto à formação profissional das professoras da rede estadual tem duas (2) com o nível superior em pedagogia, uma (1) com o superior incompleto e uma (1) com o normal em nível médio, lecionando do 2º ao 5º ano enquanto que na rede municipal três (3) possuem pós graduação e uma (1) com o superior em Pedagogia, lecionando 1º ao 5º ano, todas da religião católica. As professoras do município têm maior nível de instrução, mais tempo de sala de aula.

A CONCEPÇÃO DAS PROFESSORAS SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA

Categorizamos as falas das entrevistadas sobre o conceito de sexualidade em três categorias: corpo/prazer, comportamento/gênero e não possuíam conhecimento sobre o assunto. Identificamos que as professoras já conseguem não vincular a sexualidade com a reprodução, o que do ponto de vista teórico já é um avanço. O corpo aparece como a sede do prazer e em uma perspectiva bem individual, se expressando na relação de cada um com seu corpo.

Quadro I. Conceito de Sexualidade

CATEGORIA	Nº	DISCURSO
Corpo/Prazer	4	“Sexualidade é tudo que está relacionado ao prazer, com o corpo. Está presente em todo desenvolvimento físico e psicológico dos indivíduos, sendo assim a sexualidade vai além do ato sexual em si”. PE2. “A sexualidade é a relação que você tem com seu corpo”. PM2. “Conhecer seu corpo”. PM3. “Sexualidade é tudo que envolve o ser humano e que está relacionado ao afeto, carinho e que causam sensações de prazer”. PM4.
Comportamento/Gênero/Desenvolvimento Pessoal.	1	“Sexualidade é um assunto que deve ajudar as crianças a ser capazes de agir de modo responsável ao estabelecer e manter relacionamento, a sentir bem consigo e com as escolhas que fazem a desenvolver a assertividade e a capacidade de respeitar a si e aos outros no contexto do desenvolvimento sexual, levando em conta a sexualidade, o gênero, os papéis e a responsabilidade”. PE3.
Falta de entendimento sobre a sexualidade.	3	“Desenvolvimento entre duas espécies”. PE1-PM1 “É um termo abrangente e sendo assim muito difícil de expressar”. PE4

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Percebe-se que as professoras citam o corpo, enquanto desenvolvimento físico e psicológico, mas não fizeram referência ao corpo enquanto construção de formação de um indivíduo dando ênfase aos aspectos relacionados a realidade social e cultural da sociedade em que vive.

O processo de escolarização dos corpos esclarece Louro (2001, p. 17), educa a sexualidade das crianças por meio de pedagogias, muitas vezes, sutis e discretas, nem sempre explícitas ou intencionais, mas, não por isso menos eficientes e duradouras. Os educadores, na interação com as crianças, aparecem como coadjuvantes responsáveis não só pelo processo de ensinar como os saberes são representados, mas também, pela construção individual e social da identidade dos alunos.

Dessa maneira, pensar no corpo não implica entendê-lo apenas como formação biológica, mas sim, representado de diferentes formas na construção do sujeito.

Apenas uma professora mencionou os aspectos comportamentais da sexualidade e foi esta que apresentou um conceito mais amplo sobre as questões colocadas a respeito da sexualidade, englobando inclusive o conceito de gênero. Três professoras afirmaram que a sexualidade é o desenvolvimento de duas espécies, demonstrando que possuem um entendimento sobre sexualidade bem restrito, envolvendo apenas a relação entre os seres humanos e os animais.

Visto que, existem várias espécies de plantas e animais, mas todos os seres humanos fazem parte da mesma espécie. Dessa forma, percebe-se que três professoras não possuem conhecimento sobre o assunto, transparecendo assim, a falta de domínio e atualização das professoras perante o tema a ser abordado sobre a diversidade de questões que abrangem a sexualidade humana. Com isso, temos consciência de que o conhecimento é fundamental para abordagem de qualquer assunto.

A escola é uma porta que se abre para a construção de atividades educativas, é o caminho para a formação, contudo, tais atividades na maioria das vezes são apresentadas com enfoque biológico, destacando os aspectos da reprodução humana, deixando de lado as questões psicológicas, sociais, éticas e valores morais, é o que aponta os PCN's.

De acordo com Brasil (2001, p. 113):

Muitas escolas, atentas para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluem aparelho reprodutivo no currículo de ciências naturais. Geralmente o fazem por meio de discussão sobre reprodução humana, com informações, noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo.

Além dos aspectos biológicos, há também outros aspectos da sexualidade a ser trabalhado nas escolas como, por exemplo, seus desejos e seus papéis sociais, por isso, os professores precisam sempre estar dispostos a responderem e devem estar preparados para orientar as crianças, conforme a necessidade e de acordo com o entendimento destas.

Por conseguinte, nessa discussão de reflexões sobre o entendimento do que é

a sexualidade, alguns autores e entidades conceituam a sexualidade como:

- Figueiró (2006, p.2), compreendendo que Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual.

- Para a Organização Mundial da Saúde a OMS (2002), define a Sexualidade Humana como “uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”.

- BRAGA (2000), afirma que a sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas.

- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura UNESCO, a sexualidade é um aspecto fundamental da vida humana: possui dimensões físicas, psicológicas, espirituais, sociais, econômicas, políticas e culturais. Educação em sexualidade é uma abordagem pedagógica culturalmente relevante, para idade apropriada, para o ensino sobre sexo e relacionamentos, fornecendo informações cientificamente precisas, realistas e sem julgamento. Essa abordagem abrange toda a gama de informações, habilidades e valores para habilitar os jovens a exercerem seus direitos sexuais e reprodutivos e para tomar decisões sobre a sua saúde e sua sexualidade.

Sendo assim, a partir destas reflexões o tema da sexualidade vai além de se trabalhar assuntos relacionados a aspectos biológicos, mas abrange também a discussão sobre diversos níveis tanto no aspecto social, psíquico, histórico, político e cultural.

Questionamos as professoras se já trabalharam o tema sexualidade com seus alunos. Constatamos que 8 (oito) das professoras questionadas, 4 (quatro) do ensino estadual responderam que não trabalham sobre o tema sexualidade por não terem conhecimento e formação sobre o tema. E as outras 4 (quatro) professoras do ensino municipal mencionaram que sim, trabalham com algumas questões referentes a sexualidade, e acrescentam que é possível a escola desenvolver um trabalho pedagógico com o tema sexualidade com o intuito de levar as crianças a refletir sobre tais questões, debater e pensar em suas escolhas.

Identificamos que as professoras que responderam que não trabalham com o tema sexualidade, afirmam também que estão despreparadas em abordar sobre o assunto e, que a escola não fornece uma formação para o aperfeiçoamento e compreensão de como trabalhar o tema sexualidade na sala de aula. As professoras deveriam ter uma base de formação no seu currículo da graduação. No entanto, o tema da sexualidade só é abordado na maioria dos cursos de licenciatura por alguns professores que apresentam o assunto dentro dos debates em outras disciplinas. O curso de pedagogia, da instituição UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, CAMPUS CAJAZEIRAS, por exemplo, não tem uma disciplina específica sobre o tema.

Constatamos que as professoras que alegam trabalhar o tema, são pontuais na abordagem deste e não há um projeto.

Quadro II. O tema sexualidade e a formação continuada

CATEGORIA	Nº	DISCURSO
Não participam de formação continuada com a temática.	8	<p>“Não temos uma formação, porém a escola lançou um projeto para ser desenvolvido durante o ano letivo abrangendo o assunto”. PE1.</p> <p>“Não. Porém, estamos organizando para trabalhar um projeto sobre sexualidade”. PE2.</p> <p>“Não estamos se organizando para trabalhar um projeto sobre a sexualidade na escola”. PE3.</p> <p>“Formação continuada só com o tema não, mas projetos que trabalham o tema”. PM1.</p> <p>“Não exclusivamente, algumas vezes há palestra sobre tema”. PM2</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Verificamos que nenhuma professora afirmou ter formação continuada na temática. Entende-se por formação continuada: “um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a

formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos” (CHIMENTÃO, 2009, p. 03).

Segundo Libâneo (2004, p.227): “O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional.”

Nesta perspectiva, a formação continuada é primordial ao professor, pois o possibilitará a aquisição de conhecimentos específicos sobre o tema tornando-se assim, mais capacitado e comprometido com as transformações vigentes na sociedade e na formação do sujeito. Assim, o projeto para educação sexual deve estar presente sempre no cotidiano escolar, pois, comportamentos não são modificados de um dia para outro, é algo construído ao longo tempo. Para isso, o professor deverá mudar a sua prática, a sua concepção e ter determinada posição para trabalhar sobre sexualidade, desenvolvendo uma estratégia que o auxilie na transmissão do tema ao discente.

O aluno aprende a se posicionar de forma mais próxima e participativa diante da construção do conhecimento, a partir da desenvoltura do docente que aborda o tema sexualidade. Para isso, trabalhar com projeto favorecerá uma mudança significativa na atuação do professor em sala de aula, como também do ambiente escolar e com isso, uma mudança no aprendizado dos alunos.

Quadro III. Dificuldades encontradas pelos educadores para desenvolver diálogo e esclarecer as dúvidas das crianças sobre sexualidade

CATEGORIA	Nº	DISCURSO
Falta de conhecimento das professoras	5	“Justamente por não ter uma formação sobre o assunto, às vezes não sabemos a melhor maneira de trabalhar o tema sem criar problemas e constrangimentos”. PE1. “Por falta de orientação e formação de como esclarecer para as crianças, e o medo de ofender determinados grupos (Pais)”. PE3. “A falta de conhecimento sobre o tema”. PE4. “Por falta de compreensão sobre o tema.” PM2. “Falta de informação e capacitação de como se trabalhar em sala de aula”. PM3.
Aluno	1	“Uma das maiores dificuldades é esclarecer as distorções aprendidas pelas crianças sobre a sexualidade”. PE2.
Não sente dificuldade	1	“Não sinto dificuldade, pois hoje é mais acessível falar do tema”. PM1.
Família	1	“A falta de conhecimento dos pais com o tema que acreditam que seu filho está vivenciando na escola algo feio ou inadequado para o seu filho e fazem com que o professor não se sinta à vontade ou preparado para trabalhar o tema sexualidade”. PM4.

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

O diálogo entre a escola, aluno e família tem ênfase em pautar-se no intercâmbio de idéias, de valores, de questionamentos e não apenas de regras impostas. Uma das maiores dificuldades no trabalho com a sexualidade consiste exatamente nos preconceitos e tabus gerados pelo assunto, tanto entre os professores, como entre os pais.

O fato de sentirem dificuldade e de afirmarem que não trabalham a temática da real situação do trabalho de orientação sexual nas escolas pesquisadas, pois segundo Figueiró (2006) *apud* Silva; Benevides-Pereira; Santin Filho (2008, p. 2240):

Todos somos educadores sexuais: os pais, os professores, os demais profissionais e a comunidade em geral, uma vez que no contato com crianças, adolescentes e jovens, acabamos passando mensagens mesmo sem perceber sobre sexualidade, contribuindo assim para que os educandos construam suas ideias, seus valores e seus sentimentos.

Os professores e a sociedade em si, mesmo sem notar, comunicam valores relacionados à sexualidade no seu trabalho, nas atitudes cotidianas, nas relações que estabelecem com os alunos, até mesmo na forma de responder ou não às questões mais simples apresentadas pelos discentes. Ou ainda pela expressão corporal perante as indagações infantis. (BRASIL, 2001)

A não abordagem dos temas relacionados a sexualidade nas escolas se deve também a pouca ou nenhuma importância que, tanto o núcleo gestor, como os professores dão a este assunto. Acrescenta-se ainda o constrangimento em tratar do assunto, que apesar de ser natural, é um conceito construído cheio de tabus, esses fatores fazem com que o tema sexualidade não seja tratado com a mesma naturalidade de outros assuntos. De acordo com Neto (2014),

Esta semana, Pastor Everaldo, candidato à presidência pelo PSC, trouxe o tema à tona dizendo-se, durante sabatina no GLOBO, contrário à educação sexual nas escolas e defendendo que o assunto deveria se restringir ao ambiente familiar. (p.01)

Existe uma pressão por parte de alguns políticos e gestores responsáveis pela saúde e educação do país contra o tema sexualidade nas escolas, por acreditarem que este fere a estrutura familiar. Muitas vezes, são pessoas que não entendem nada das teorias da sexualidade e ficam defendendo discursos de uma “falsa moral

religiosa” apenas com fins eleitoreiros.

Ao contrário disso, discutir a temática na escola promoverá um diálogo reflexivo para a compreensão sobre a sexualidade, pois, bem sabemos que os próprios pais não sabem lidar com esses assuntos, muitas vezes, chegam a repreender e traumatizar seus filhos por não saberem abordar o tema de maneira adequada. Todavia, a escola e a família devem andar juntas, pois, tudo que envolve os alunos em relação à questão familiar de uma forma ou de outra interfere no desempenho escolar.

Diante disso, como é possível acreditar que a escola não pode se envolver em questões que dizem respeito a sexualidade, se diariamente muitos adolescentes são violentados, maltratados pelos próprios pais e padrastos, o que inevitavelmente, os prejudicam psicologicamente, resultando em seu comportamento, como também na interação com as pessoas e consecutivamente com a qualidade de seus estudos. A sexualidade está presente em tudo, visto que deve ser encarada naturalmente, pois faz parte de um todo na vida do ser humano sem tabus e preconceitos.

Nos dias atuais a facilidade para se obter informações, está exposta por diversos meios de uma hora pra outra, o que possibilita os alunos se informarem, como também presenciar situações nunca antes vista, que podem causar danos irremediáveis, portanto, a escola é um dos principais meios para se trabalhar sobre as diversas formas em que a sexualidade está inserida, contribuindo para que se possam formar cidadãos mais informados e capazes de se posicionar perante as difíceis e variadas situações do dia a dia.

Quadro IV. Como deveria ser trabalhado à temática sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental e como esse trabalho é desenvolvido

CATEGORIA	Nº	DISCURSO
Métodos participativos	8	<p>“Através de diálogos, palestras e dinâmicas trabalhando o tema da sexualidade”. PE1.</p> <p>“Deve ser trabalhada através de diálogos. É significativo transmitir informações aos alunos a importância de conhecer a si mesmo”. PE2.</p> <p>“Com o auxílio de textos informativos, DVD, questionários, palestras e dinâmicas”. PE3.</p> <p>“Filmes, gravuras, palestras, debates e textos informativos”. PE4.</p> <p>“Por meio de filmes, palestras, desenho animados e textos informativos”. PM1.</p> <p>“Através de histórias contadas de maneira lúdica”. PM2.</p> <p>“Poderia ser trabalhado como tema livre e desenvolvido da melhor forma possível sem constrangimento e medo”. PM3.</p> <p>“Deve ser trabalhada com alunos dos anos iniciais com normalidade, pois sabemos que a temática faz parte do ser humano desde o seu nascimento, podendo ser explorado com jogos, aulas informativas, dinâmicas e trocas de conhecimentos entre educandos e educadores”. PM4.</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Fazendo a análise da fala das oito professoras, identificamos que todas falaram que os melhores métodos são por meio de oficinas, dinâmicas com textos informativos, gravuras sobre a sexualidade, exibição de filmes que dêem a devida informação acerca do tema. Segundo Figueiró (2006, p. 285-86):

Considero importante desenvolver trabalhos do tipo oficina, por exemplo, que permitam aos professores repensar sua própria sexualidade, seus sentimentos, atitudes e valores. O ensino em torno das questões ligadas à sexualidade não deve ter em vista a figura do professor apenas como um instrumento ou um “meio” de levar educação sexual para os alunos. Aprendizado, reflexões sobre o tema e oportunidades de reeducação sexual são também necessidades dos profissionais, independente de atuarem ou não em educação sexual formal.

Nesta perspectiva, o professor deve sempre se manter informado e atualizado no que diz respeito ao conteúdo a ser trabalhado. Faz-se necessário pesquisar novas técnicas e dinâmicas, pois estes facilitam a aprendizagem de maneira agradável. As aulas participativas também são importantes pelo fato de permitirem que os participantes coloquem seus pensamentos e sentimentos, facilitando assim, a intervenção da professora favorecendo para que os alunos participem das discussões.

Questionamos se as professoras da escola trabalham com o tema sexualidade, em sala de aula, verificamos que 5 (cinco) das professoras relataram que não trabalham com o tema sexualidade e 3 (três) informaram que sim.

Quadro V. Temas de sexualidade que são trabalhados com as crianças

CATEGORIA	Nº	DISCURSO
Aspectos Biológicos / Reprodução	4	“Reprodução, gravidez. PM1. “Sobre o corpo humano”. PM3. “O conhecimento do corpo”. PM4 “Reprodução”. PE4.
Nenhum tema trabalhado	3	“Nenhum”. PE1, PE2, PE3.
Respeito ao outro	1	“Respeito com você e o outro da escolha sexual”. PM2

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Das 8 (oito) professoras 4 (quatro) responderam que os temas que trabalham sobre sexualidade é referente aos aspecto biológico, reprodução e uma fala sobre respeito ao outro, e 3(três) responderam que nenhum tema é trabalhado. No entanto, a abordagem do assunto gênero não foi abordado por nenhuma delas,

muito menos aspectos da sexualidade relacionados com as construções sociais, como o desejo, amor, heteronormatividade, entre outros. Assim sendo, Louro (1996, p.10) cita que:

Entendo gênero fundamentalmente como uma construção social e, portanto, histórica, teríamos de supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e masculino, social e historicamente diversos. A ideia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça e etc; além disso, implicaria admitir que os conceitos masculino e feminino se transformam ao longo do tempo.

Ao abordar a temática de gênero em sala de aula, o professor pode estar trabalhando ao mesmo tempo: história, papéis sociais, opressão etc. São assuntos que ajudam a flexibilizar o pensamento do educando, uma vez que, é um conceito não pautado em verdades universais.

Enfatizar sobre a sexualidade com as crianças, poderá proporcionar o conhecimento do seu próprio corpo e suas transformações em cada fase de desenvolvimento, esses diálogos podem deixar o educando capaz de fazer escolhas que promovam seu bem estar. Segundo os PCN's:

Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o "ficar" e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura. (BRASIL, 1997, p. 292-93).

É primordial que a escola adote uma postura de esclarecimento sobre o assunto aos seus alunos, pois, são várias as mudanças que ocorrem no comportamento das crianças, é nessa fase que surgem as dúvidas e preconceitos sobre a construção da identidade da criança em relação ao gênero, ao ato sexual e de doenças sexualmente transmissíveis. Obter informações de orientação sexual na escola é uma forma de ajudar os alunos em situações que eles irão possivelmente passar, deixando-os mais seguros e preparados para lidar futuramente com as mudanças que ocorrem no seu corpo.

Portanto, identificamos que mesmo as professoras que abordam a temática, alicerçam sua prática em aspectos pontuais e fragmentados da sexualidade desvinculados das questões sociais e culturais.

Quadro VI. Situação ou questionamento de seus alunos com relação à sexualidade

CATEGORIA	Nº	DISCURSO
Curiosidade sobre reprodução	2	“Questionamentos como: De onde vem os bebês? Como o bebê entrou na barriga da mãe? São muitos comuns”. PE2. “Gravidez, gêmeos e uso da camisinha”. PE4.
Homossexualidade / Gênero	2	“Sobre o homossexualismo, sempre perguntam o motivo da escolha”. PM1. “Conversação distorcida sobre as diferenças de gênero”. PM2.
Desenhos dos órgãos sexuais e vídeos de sexo	4	“É observado por meio de vídeo sobre sexo, pelo whatsapp, desenho pornográfico nas paredes dos banheiros, nas paredes, nas carteiras, nos cadernos e cartazes”. PE3. “Às vezes desenham os órgãos genitais nas cadeiras e demonstram ficar com vergonha quando se fala do tema”. PM3.

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Com relação aos relatos sobre os questionamentos de seus alunos sobre a sexualidade, as respostas das professoras, foram variadas. Das professoras entrevistadas 2 (duas) responderam que alunos sentem curiosidade sobre o que seja a reprodução, 4 (quatro) responderam que em sala os alunos manifestam sua curiosidade sobre sexualidade, por meio de exibição de vídeos pornográficos para menores de idade, o desenho de órgãos genitais em paredes, o hábito de chamar a outra pessoa pela palavra “amor” que para os alunos é ignorado esse chamamento. E as outras 2 (duas) professoras relatam que os alunos questionam também sobre as diferenças de gênero e sobre homossexualidade referente a escolha sexual de cada um.

Tal observação indica que os alunos possuem muitos questionamentos sobre o tema, no entanto, a escola ainda enfoca muitas vezes, apenas na função reprodutiva e fisiológica da sexualidade, deixando à parte os componentes psicológicos, afetivos e sociais que dela fazem parte e que também interessam aos alunos. A professora demonstra insegurança em abordar a temática e nenhum trabalho é desenvolvido abordando as questões que são expostas pelos alunos. Sobre a sexualidade pode-se falar que:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (BRASIL, 1997, p. 08).

De acordo com o contexto a instituição escolar além de um espaço de aprendizado, também é um importante espaço para abordar diferentes questões que são manifestados e questionados pelos alunos sobre a sexualidade.

Sobre a atuação da professora na sala de aula, a escola deveria posicionar-se clara e conscientemente sobre as referências e os limites com os quais trabalham as expressões da sexualidade de seus alunos. A professora como mediadora de conhecimento terá um papel de esclarecimentos de dúvidas e curiosidades sobre o tema no espaço escolar e também:

[...] Os adolescentes testam, questionam e tomam como referência a percepção que têm da sexualidade de seus professores, por vezes desenvolvendo fantasias, em busca de seus próprios parâmetros. Todas essas questões são expressas pelos alunos na escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa. (BRASIL, 1997, p. 08).

No entanto, a forma como a sexualidade é abordada não favorece o desenvolver da ação crítica, reflexiva e educativa. Tendo em vista que a criança aprenderá a distinguir o que deve fazer parte apenas de sua intimidade e da sua privacidade, daquilo que é permitido no convívio social.

Quadro VII. As manifestações de sexualidade das crianças, mais frequentes e que são percebidas pelos educadores da escola.

CATEGORIA	Nº	DISCURSO
Crianças não manifesta sexualidade	1	“Como trabalho com crianças de 7 a 8 anos não demonstram nenhuma manifestação sexual”. PE1.
Manipulação Genital	4	“Carícias no próprio corpo, a curiosidade sobre o corpo do outro, as brincadeiras com colegas envolvendo contato físico”. PE2. “Pegando nos órgãos genitais”. PE3. “Através do movimento das mãos aos órgãos genitais, desenhos em cadernos de pornografia e gravuras de mulheres peladas”. PE4. “São quando careciam os órgãos genitais e brincadeiras com o contato físico”. PM3.
Investimento de energia sexual no outro	3	“Por meio do beijo no colega e atenção para o sexo do colega”. PM1. “A curiosidade das diferenças entre os gêneros”. PM2. “Beijo de colegas, ficar muito tempo perto de colegas que gostam”. PM4.

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Quando questionadas sobre as manifestações de sexualidade em sala de aula, uma das professoras afirmou que os alunos não demonstram nenhuma manifestação sexual.

De acordo com Freud (2006) a sexualidade nos acompanha desde o nascimento até a morte. Ao publicar seu primeiro estudo sobre a sexualidade infantil, Freud (2006) chocou a sociedade de sua época, que possuía uma ideia de não existência de sexualidade nesta faixa etária. Neste trabalho, o fundador da psicanálise expõe que desde seu nascimento, o indivíduo é dotado de afeto, desejo e conflitos.

Constatou-se que as crianças já nascem manifestando comportamentos que expressa a sua sexualidade de forma prazerosa e afetiva no convívio com o meio em que está inserido. Se a sexualidade está presente desde o nascimento até a morte, a educação sexual deve ocorrer desde os primeiros anos de vida acompanhando a curiosidade da criança. Pois, não existe uma idade predefinida para iniciar a falar sobre sexualidade, nunca devemos deixar para abordar o assunto na adolescência. Portanto, a educação sexual deve ser um processo contínuo em todos os níveis do âmbito escolar.

Das 8(oito) professoras entrevistadas, 4 (quatro) relataram que os alunos demonstram a sua curiosidade relacionada à manipulação do órgão genital através de gestos, desenhos, carícias no corpo, brincadeiras com contato físico e vídeos pornográficos nos celulares. E 3 (três) delas informaram quanto ao comportamento dos alunos ao contato com o outro a explicitação do desejo relacionado ao beijo, prazer, diferença de gênero e sexo do colega.

Assim sendo, as manifestações da sexualidade poderá vir de variadas formas, seja através de um questionamento, dúvida ou comportamento, exigindo assim do professor uma experiência de vida, uma dedicação para trabalhar com seu aluno, respeitando cada etapa de seu desenvolvimento, dando o melhor de si, trabalhando sempre com autenticidade. Quando surgem essas manifestações, essa é a melhor hora de desenvolver um trabalho que não teria sido programado anteriormente, pois se toma inovador.

Neste sentido, observa-se que:

A sexualidade gera nos alunos grande variedade de sentimentos, sensações e dúvidas. Suas manifestações são espontâneas, acontecem inevitavelmente e os professores precisam estar preparados para lidar com elas. A atitude de acolhimento a essas expressões e de disponibilidade para ouvir e responder é fundamental para o trabalho que aqui se propõe. O trabalho de Orientação Sexual se dará, portanto, dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas áreas do currículo, e extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. (BRASIL, 1997, p. 308)

Com isso, o professor precisa mudar a sua prática, a sua concepção e voltar-se a essa nova prática que surge, onde tenha que ter uma determinada posição para trabalhar o tema sexualidade, que consiste em uma estratégia que auxilia o aluno de forma mais próxima e participativa diante da construção do conhecimento. O aluno diante dessa proposta de aprender fazendo, formam um aprendizado mais significativo, através dessa participação ativa, de pesquisar, resolver problemas, tomar decisões, um processo que envolve os alunos, tornando-os sujeitos autônomos, construtores do seu próprio conhecimento através de aspectos de erros e acertos, mas questões que levem a ser o centro do processo da educação interessados nesse processo.

O professor tem como função nesse processo, atuar como um mediador entre o aluno e o conhecimento, estando presente na atuação do aluno, e criando situações que este possa se envolver e formar assim o seu conhecimento. Para isso é necessário, uma organização para exercer o seu trabalho, mediante essa nova proposta organizando e sistematizando atividades que convidem o aluno para essa participação e envolvimento diante dessa atividade. Trabalhar com projeto favorece uma mudança significativa nas práticas dos professores, como também do ambiente escolar e com isso, uma mudança significativa no aprendizado e na forma de buscar esse aprendizado dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse estudo monográfico possibilitou uma visão mais ampla de como as professoras trabalham a temática sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental I.

Abordar a temática sexualidade atualmente é importante para uma gradativa desconstrução de padrões tradicionais visto que, pela falta de preparo das professoras ou por preconceitos nelas cultivados, não sabem se posicionar frente a questões e situações no espaço escolar e acabam desenvolvendo um trabalho limitado demonstrando a falta de interesse em discutir sobre o tema sexualidade.

É importante uma formação bem embasada, no sentido de que, proporcione ao professor tanto o conhecimento específico da área, como a preparação psicológica, social e educacional. A viabilidade desses fatores ao bem-estar dos professores é essencial para tornar o tema sexualidade mais expansivo à escola e para que assim o educador possa subsidiar em suas aulas um trabalho contextualizado para com seus educandos.

Percebe-se que há uma necessidade extrema de repensar os cursos de formação de professores, repensar, sobretudo, a organização e preparação da bagagem teórica do futuro docente, a fim de que , esteja preparado para enfrentar novas condições de trabalho, ou muitas vezes, ignoradas, para trabalhar sobre Sexualidade, a partir do instante que ele se torna um professor dentro do contexto da realidade escolar.

Em outro aspecto, os autores mencionados concordam ser importante também, a presença das reflexões que dialoguem e que também operam como educadores sexuais, uma vez que a representação dessa educação acontece na escola, não podendo ser distanciada dela, nem desassociada da sua validade institucional e competência para lidar com a questão de maneira adequada.

É impossível pais e professores negarem o diálogo com seus filhos e alunos sobre a sexualidade, pois, ao nascer o sujeito já é um ser sexuado e ele por si só necessita de uma explicação coerente sobre as transformações que ocorrem em seu corpo, para que isso venha a ser esclarecido cabe ao educador discutir nos ambientes escolares a sexualidade, para que no decorrer do crescimento dos alunos não haja dúvidas e nem falta de conhecimento acerca desta temática.

Pode-se afirmar que ainda existe certa dificuldade de abordar a temática da sexualidade por parte das professoras, bem como também, a falta de investimentos por parte do gestor escolar. É notável que o tema sexualidade é visto de forma distorcida, ainda não se tem uma visão clara e ampla no que diz respeito as diversas questões que estão relacionadas com a sexualidade.

E isso de certa forma mantêm um peso grande nos processos de ensino de aprendizagem dos alunos, porque a sexualidade engloba desde o nascimento da criança até a sua vida adulta, por isso, vem a importância de não só focar a sexualidade apenas como um ato sexual ou de prevenções de doenças, esse tema diz respeito a muitas outras coisas e tem um papel muito relevante no desenvolvimento dos seus alunos, e cabe ao professor saber articular de forma estratégica maneiras adequadas para esclarecer esse assunto e dessa forma, dar possibilidades para que eles façam suas próprias escolhas.

De acordo com os resultados obtidos, podemos concluir que as docentes têm medo de expor o assunto seja por falta de conhecimento, como também por medo da reação dos familiares, por ser ainda hoje um tema restrito, considerado por muitos impróprio para o ambiente escolar, apesar das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade.

Diante disso, notamos a falta de informação por parte de algumas entrevistadas. Observa-se a necessidade da existência de novas formações continuadas em relação a sexualidade para os docentes, para que eles se qualifiquem e se tornem capacitados para trabalhar esse tema na sala de aula. Para que assim, os docentes saibam identificar as variadas manifestações de sexualidade que estão presentes na escola.

Pois, toda criança demonstra com o seu jeito sua manifestação sexual, achar que alguma criança não demonstra sexualidade é um equívoco, pois, ela está presente desde o seu nascimento, permanecendo por toda a vida do indivíduo. A sexualidade é intrínseca no ser humano, portanto, está presente na criança e expressa através do afeto e desejo.

De acordo com as docentes, os alunos se revelam por manipulação genital, ou seja, a busca de descobrir o próprio corpo, por meio de desenhos, curiosidades tanto de seu corpo como também, de seus colegas da sala de aula. O contato físico, através de beijos, carícias é outro meio de se descobrir, e isso, exerce um fator primordial no desenvolvimento da criança, pois, ela está iniciando suas primeiras

impressões.

Essas manifestações vêm de diversas maneiras e cabe ao professor saber explorar da melhor forma possível com seus educandos, auxiliando-os na construção de sua identidade para que futuramente se tornem alunos realizados e conscientes de seu papel perante a sociedade que está inseridos.

Conclui-se que, os professores não estão capacitados para discutirem dentro da sala de aula em relação a sexualidade, ainda não tem uma formação específica e mais clara em relação a esse assunto, tendo uma visão mais fechada, o que impede de desenvolver com seus alunos informações necessárias e importantes para o dia a dia.

Dessa forma, investir em formações continuadas que garantam ou possibilitem a preparação dos docentes para saberem lidar com as descobertas e dificuldades de seus alunos. Assim os professores se tornam mais preparados para se posicionar dentro da sala de aula, enfrentando de forma consciente as transformações que cada aluno passa.

Esse estudo foi de grande relevância para o conhecimento como indivíduo, bem como, engrandeceu meu papel como futura educadora e como futura mãe, já que me proporcionou novos conhecimentos, dos quais me ajudaram a lidar melhor com esse assunto. É necessário novos estudos que se discuta sobre a sexualidade, para que assim, possa ser um assunto mais evidenciado na sociedade e deixe de ser tratado de forma preconceituosa e como tabu para o âmbito educacional e familiar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.

BRAGA, Marilandes R. **Saiba o que é sexualidade e conheça seus direitos**. 2000. Disponível em <http://www.marilandes.com.br/saiba_sex.htm> em 23 de Março de 2011

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais** /Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC /SEF, 1998.138p.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Direitos sexuais e direitos reprodutivos: uma prioridade do governo**. Brasília, DF, 2005

CHIMENTÃO, Lilian Kemmer. O Significado da Formação Continuada Docente. In.: **4 Conpef / Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar**. Universidade Estadual de Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigoco_moral2.pdf>.

Educação em sexualidade. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/health-education-in-brazil/sexuality-education-in-brazil/>

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina; ed UEL, 1996.

_____. Mary Neide Damico. **Educação sexual: como ensinar no espaço da escola**. Linhas, Santa Catarina, v.7,n.1, p.1-21, 2006.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FRADE, Alice e outros. **Educação sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores**. Lisboa: Texto, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2004

LOURO, L. Guacira. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J.D.;MEYER, D.E.; WALDOW,V.R,(orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre, Rs: Artes Médicas,1996.

_____. L. Guacira. **Pedagogias da Sexualidade**. In: (org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-34.

NETO, Lauro. **Educação sexual está longe do currículo escolar**. O Globo, 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-e-vestibular/educacao-sexual-esta-longe-do-curriculo-escolar-13930918>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

O.M.S. (2002). **Crescendo em confiança: Programação para a saúde do adolescente e Desenvolvimento - Lições de oito países**. Departamento da Criança e da Saúde do Adolescente e do Desenvolvimento.

Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, Orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental- Brasília: MEC/SEF, 1997.

RIBEIRO, Marcos. **Conversando com seu filho adolescente sobre sexo**. 1ª ed, Planeta, 2011.

SIQUEIRA, Teresa Cristina Barbo. **Educação Sexual. Informação Sexual Na Escola**. Goiânia-GO, 2003

SILVA, R.D. da; BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T.; SANTIN FILHO, O. Atitudes e Crenças de Professores sobre Sexualidade: Resultados preliminares. In: **Anais EDUCERE**, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/517_715.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2015.

WEREBE, M.J.G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

APÊNDICE A- Roteiro de Questionário

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ALUNA: MÁRCIA ROSALVA RODRIGUÊS DA SILVA

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR:

Idade:_____ Sexo:_____ Carga Horária:_____

Formação acadêmica:_____

Nível de escolaridade que leciona:_____

Tempo de atuação na escola:_____

Religião:_____

Tipo de escola : () municipal () estadual

QUESTÕES DA PESQUISA

1. Para você o que é sexualidade?
2. A escola fornece formação continuada, ou tem projetos sobre o tema? Comente.
3. Quais as dificuldades encontradas pelos educadores para desenvolver diálogo e esclarecer as dúvidas das crianças sobre sexualidade?
4. Como deveria ser trabalhado à temática sexualidade nos anos iniciais da educação fundamental e como esse trabalho é desenvolvido?
5. Que temas de sexualidade são trabalhados com as crianças?
6. Relate situação ou questionamento de seus alunos com relação a sexualidade.
7. Quais as manifestações de sexualidade das crianças, mais frequentes e que são percebidas pelos educadores da escola?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa

_____, sob a responsabilidade do pesquisadora
_____, e desenvolver uma
pesquisa nesta instituição
_____ cidade de
_____. Sua participação é voluntária. Os riscos
decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. Se você aceitar participar,
estará contribuindo para o processo educativo de seu filho/a.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço UAE campus de Cajazeiras.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/_____

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Responsável